



Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



O FORRÓ

Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira

"Arrasta-pé, bate-coxa, bate chinelo, fobó, forrobodó, farra, samba, etc". As diversas denominações que recebe este estilo musical, especialmente presente em toda Região Nordeste, projetam sua importância para a cultura sonora brasileira. Câmara Cascudo definia o forró como: "Baile de gente reles, onde há grande comezaina e, geralmente, termina em confusão". No interior das capitais, sempre foi o mais forte apelo coreográfico. É que o forró dança-se freneticamente ainda nas poucas latadas, nas casas residenciais, bodegas...() Atualmente revigora-se nos centros urbanos, particularmente em São Paulo e Rio de Janeiro com casas específicas para música e danças frequentadas por jovens

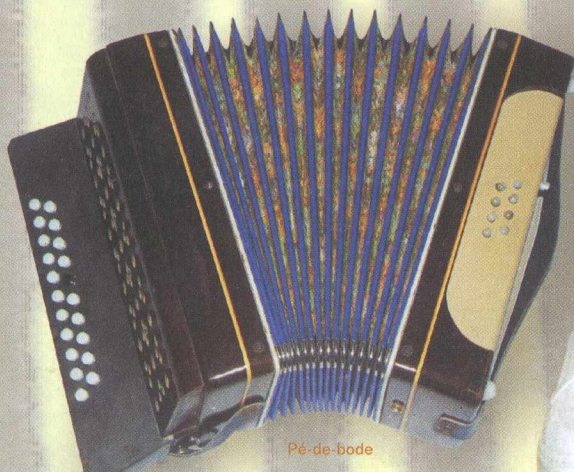
universitários, tendo musicalmente influenciado compositores do primeiro time da Música Popular Brasileira. A tradição oral é ambígua. Sugere o aparecimento do termo "forró" ligado à construção das ferrovias no Sertão nordestino. Quando iniciou-se a primeira estrada de ferro ligando Recife às cidades de Palmares (1858) e posteriormente Pau D'algo/ Limoeiro (1868) com tecnologia e empresas inglesas, eis que um certo

dia, após o término de um determinado trecho, o engenheiro encarregado da obra resolveu promover uma festa, organizando-a num dos barracões que abrigavam os cassacos. Na entrada, colocou uma placa onde estava escrito no legítimo idioma britânico: "For All", ou seja, "Para Todos".

(Cont.)



Elyno Julião



Pé-de-bode

Melé



Exedito Sanfoneiro (Alto do Rodrigues)



Trio Sertanejo (São Gonçalo do Amarante): Marcos Antonio - triângulo, Manoel Sanfoneiro - concertina e Canindé - zabumba.



Galante



José Davi - triângulo, Seu Bastos da Sanfona (Cerro Corá) - sanfona e Carluccio (Stª Cruz do Inharé) - zabumba.



Neto da Sanfona (São Rafael)

Só que a peãozada ao escutar a pronúncia em inglês da inscrição contida na placa fixada, de imediato veio a tradução em bom português: "É forró, pode entrar todo mundo pra se divertir". E a festa, ou samba, como se dizia, se transformou no Forró.

Para corroborar com essa possibilidade e da origem do vocábulo "Forró", o cantor Geraldo Azevedo, em parceria com o poeta Capinam, lançou a música *For All - Para Todos*:

(...) "O inglês da ferrovia Escreveu no barracão, For All, for all, for all, Foi então que o pau comeu Nunca mais sentou o pó E eu só sei que o povo leu Forró, forró, forró" (...)

Porém, há outras leituras e entendimentos. Para o forrozeiro e pesquisador *Biliu de Campina* "Tudo isso é lenda. O forró é uma forma diminuída, reduzida, sincopada de forrobodaço, forrobodança". (...) "vem do século passado e no século passado não existiam esses ingleses por aqui. Isso tudo foi alguém desinformado que imprópriamente falou. Eu asseguro o que digo. Pode ler Câmara Cascudo, Silvio Romero e pesquisar. E tudo se originou do coco. O coco é o avô de toda história". Como pode-se depreender, não está formado um conceito definitivo sobre o forró. Ora debate-se a origem filológica do vocábulo, ora polemiza-se a origem musical do gênero.

Conclusão à parte, a disseminação do termo se deu a partir do Sertão dos estados de Pernambuco, Paraíba e Ceará, que são limítrofes, tendo uma forte ligação com os festejos juninos (Santo Antônio, São João e São Pedro). Nos estados nordestinos, a dimensão comemorativa no mês de junho é muito intensa. A diferença situa-se em Caruaru-PE (a capital do forró) e Campina Grande-PB (o maior São João do mundo), onde a indústria cultural instalou-se para além do forró, com sua diversidade de gêneros, vender comidas típicas da região numa concentração de artistas e público. Ainda nos informa *Biliu* que "o forró foi fundamentado no coco, xaxado e baião.

Ancestralmente, não dependia da sanfona, zabumba e triângulo. E sim, de instrumentos que percutiam oriundo das três raças preponderantes na nossa formação étnica. Com a expansão de ritmos, e passando a existir em sua forma clássica incluindo-se então o xote, xaxado, baião" e as músicas juninas, passou a ter representatividade num seletivo grupo de artistas que vai da grandeza de *Luiz Gonzaga* (O rei do baião), *Jackson do Pandeiro*, *Carmélia Alves* (A rainha do baião), *João do Vale*, *Abdias dos 8 baixos* e *Pedro Sertanejo*, *Marinês* e sua *Gente*, passando por *Sivuca*, *Caçulinha*, *Mário Zan*, *Eliano Julião*, *Noca do Acordeon*, *Trio Nordestino*,

Trio Mossoró, *Os 3 do Nordeste*, *Zé Gonzaga*, *Dominguinhos*, *Oswaldinho*, *César do Acordeon*, *Chiquinho do Acordeon*, *Messias Holanda*, *Cremilda*, *Genival Lacerda*, *Augusto Ribeiro*, *Zé Calixto*, *Fuba de Taperoá*, *Jacinto Silva*, *Pinto do Acordeon*, *Antônio Barros* e *Cecéu*, *Rosil Cavalcanti* e outros da safra mais antiga. Além dos que receberam as suas influências como: *Quinteto Violado*, *Alceu Valença*, *Nando Cordel*, *Jorge de Altinho*, *Assisão*, *Alcimar Monteiro*, *Zé Ramalho*, *Elba Ramalho*, *Amelinha*, *Fagner*, *Waldonys*, *Joquinha Gonzaga* (sobrinho de Gonzagão), *Flávio José*, *Amazan*, *Joãozinho do Exú*, *Silvério Pessoa*, *Xangai*, *Maciel Melo* e tantos outros. Anônimos na sua maioria,

à margem da mídia dirigida, localizam-se os *forrozeiros populares*, aqueles que passam as noites tocando sucessos de seus ídolos ou composições próprias, num Clube, num terreiro de Fazenda, Sítio ou mesmo numa Sala de Reboco. O verdadeiro forró não é moda, é perpétuo na sua essência e originalidade!

O forró no Rio Grande do Norte tem seus representantes talentosos, como é o caso de *ELINO JULIÃO*, natural de Timbaúba dos Batistas, onde nasceu a 13/11/1936 na Fazenda Toco, na região do Seridó. Este cantor e compositor de forrós, xotes, marchinhas juninas e outros ritmos musicais é um dos artistas potiguares mais conhecidos no Brasil e no exterior, tendo se apresentado em Portugal,

Bélgica e África. Começou a sua carreira artística na Rádio Poti, de Natal, na década de 50; foi lá que conheceu Jackson do Pandeiro e foi morar no Rio de Janeiro, onde gravou o seu primeiro disco em 1961; os seus primeiros sucessos foram: *Puxando Fogo* e *Xodó de Motorista*, gravados pela Philips/Polygram. Daí partiu para o estrelato, chegando a tocar, como ritmista, no conjunto de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião. Seu trabalho, considerado legitimamente de "forró pé-de-serra", tem o perfil transparente do cantor e compositor genuinamente nordestino. Durante sua vida artística gravou mais de 40 discos e quatro CDs; recentemente foi homenageado,

mercedemente, com a gravação do CD *O CANTO DO SERIDÓ* produzido pelo Scriptorin Candinha Bezerra e a Fundação Hélio Galvão, num resgate histórico de parte da sua extensa obra musical. O TRIO MOSSORÓ, formado pelos irmãos Lopes (Ozéas, Hermelinda e João) foi um dos mais bem sucedidos conjuntos musicais do estado, aqui e alhures; criado em 1960, com o incentivo do radialista Canindé Queiroz, da Rádio Tapuyo, e o apoio do compositor João do Vale, gravou o seu 1º LP em 1962 Rua do Namoro pela Copacabana, que obteve uma enorme repercussão no Nordeste e em São Paulo. Fez sucesso com: *Santo de Barro* (Iremar Leite),

e outras músicas mais. Gravou um total de nove (9) discos até ser desfeito em 1972, quando os seus componentes partiram para uma carreira solo. Ozéas Lopes virou o cantor Carlos André, Hermelinda gravou com o nome de Ana Paula e João passou a ser comerciante de equipamentos de som no Rio de Janeiro. ARNALDO FARIAS, natural de São Rafael, começou tocando no grupo de Roberto do Acordeon, até seguir carreira solo; tem vários discos gravados. OLINTO POTIGUAR, natural de Apodi, gravou alguns LPs, dentre eles se destacaram: *A Cor do Luar*, pela Polydisc; *Que Forró*, pela Unacam; *De Coração Aberto* (88), pela Polydisc. ITANILDO, nascido em Angicos RN (08/12/61), é um dos mais promissores compositores potiguares,

com poemas e melodias suas gravadas por Dominginhos, (poesia de Gonzaga Coração); Flávio José, (Nordestino Lutador,

(Cont.)



José Antônio Candido (Monte Alegre)



Betinho do Acordeon (Natal)



João Aranha (Natal)



Dedé Sanfoneiro (Natal)



Zé Hilton (Pedra Velha)



Zé More (S. José de Mipibu)



Chiquinho do Acordeon (Cerro Corá)

Labim/UFRRN

Galante
 Scriptorin Candinha Bezerra
 FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

Av. Antônio Basílio, 3025, s.501, Lagoa Nova,
 Natal-RN. Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790.
 E-mail: mensagens@candinhabezerra.com
 Internet: www.candinhabezerra.com

Direção Artística e de Pesquisa
 Dácio Galvão

Fotografias
 Candinha Bezerra

Programação visual
 D & S Publicidade

Colaborador
 Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira
 Pesquisador e poeta

Apoios
 Tribuna do Norte
 TV Cabugi

Você encontra a capa dura para
 colecionar o seu Galante, nas principais
 bancas da cidade, Scriptorin Candinha
 Bezerra e Fundação Hélio Galvão.



Seu Aprício (Campo Redondo) na sua Oficina em Natal.

Neguinha, Sertão, Filosofia, Coração que Ama, Caminhos do Sertão, Tonha).
DORGIVAL DANTAS, compositor de talento aguçado nascido em Olho d'Água dos Borges com músicas gravadas por Flávio José (Casinha Sapé, Menino Chorão) e Waldonys.

Muitos outros potiguares gravaram discos e CDs: Zé Matias e Marinete Silva gravaram um LP, Forró em Caicó, no ano de 1976; Arimatéia, de Assu, gravou em fita K7 Forró, Sempre Forró no ano de 1996; Fátima Melo, natural de Jardim do Seridó, seu primeiro sucesso veio com o LP Safadeza; Zé Lima,

forrozeiro de Mossoró, seu maior sucesso foi O Herói do Sertão, no LP de mesmo nome gravado em 1995. Tem estilo próprio e carisma junto ao público.

Não podemos esquecer os Forrozeiros Populares, os *Sanfoneiros* espalhados por todos os lugares do estado, que ficaram, e/ou são, mais conhecidos em suas regiões ou municípios de origem, como: Zé do Rojão, Zé Menininho

(que não era potiguar mas, artisticamente assim era identificado), Zé Minhoca, Cego Borges (Natal); Fanô Praxedes, Juquiano, Raimundo de Alípio e Caçula Benevides

(Caraúbas); Rubens e Mané de Sindô (Cerro Corá); Joaquim Simoa e os Filhos Benedito e Zé Simoa (Coronel Ezequiel); Zé de Luduvico (Janduís);

Sebastião de Gulóra (Olho D'água do Borges); José e Manoel (Santa Cruz); Miúdo, Jagunço, Nô e Argemiro (Santo Antônio do Salto da Onça); Bobô, Manelzin do Pedrês, Erinaldo, Chico Felipe, Chico Carneiro e Severino de Zina (São Tomé e Barcelona); Tatau e Zé Rafael (Pedro Avelino); Quinval e Apolônio (Umarizal); Otaviano, Manoel Berlamino, Neném do Baião e Canário (Mossoró), Bianor (Canguaretama), Pio (Tibau do Sul), Maria Suzete (Caraúbas), João Aranha (Natal), Veridiano (Pedro Avelino), Manoel Padre (Pureza), Manuel Antônio da Silva (Espírito Santo), Lulinha (Natal).

